

Passado e presente da alternância entre a lateral e o tepe no onset complexo no português: considerações sobre representação, mudança linguística e avaliação social

The past and the present of the alternation between lateral and tap in complex onset in Portuguese: remarks on representation, language change and social evaluation

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i2.41221>

Christina Abreu Gomes

Professora Titular do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ, Pesquisadora 1D do CNPq, Mestre em Linguística pela UFMG, doutora em Linguística pela UFRJ.

E-mail: christina-gomes@uol.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0358-2029>

RESUMO

Este artigo enfoca a variação entre consoantes líquidas em *onset* complexo, também denominada rotacismo, comparando resultados obtidos para o Português Brasileiro Contemporâneo falado e em textos do período do Português Antigo. O objetivo é discutir questões relacionadas à representação da variação, à mudança linguística e à avaliação social da variante tepe, com base nos achados de Gomes (1987), rediscutidos à luz dos pressupostos teóricos do Modelo Exemplar (BYBEE, 2010; PIERREHUMBERT, 2016; CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2017, 2020), a fim de estabelecer a organização cognitiva da variação, e uma hipótese sobre a construção do valor social negativo da variante tepe.

Palavras-chave: Rotacismo. Variação. Mudança. Avaliação social. Modelo de Exemplares.

ABSTRACT

This article focused on the variation between liquid consonants in complex onset, also referred to as rhotacism, comparing results obtained for the spoken Contemporary Brazilian Portuguese and in texts from the Ancient Portuguese period. The purpose is to discuss issues related to the representation of variation, linguistic change and to the social evaluation of the tap variant, based on the findings of Gomes (1987), rediscussed in the light of theoretical assumptions of the Exemplar Model (BYBEE, 2010; PIERREHUMBERT, 2016; CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2017, 2020), in order to establish the cognitive organization of variation, and a hypothesis about the construction of the negative social value of the tap variant.

Keywords: Rhotacism. Variation. Change. Social Evaluation. Exemplar Model.

Introdução

A alternância de consoantes líquidas em *onset* complexo, como em *claro* ~ *craro*, também conhecida como rotacismo, é bastante antiga no português, tendo sido registrada já no latim, conforme se observa no Appendix Probi, item 77. *flagellum non fragellum* (SILVA NETO, 1956). Sobre a variação no português brasileiro, há diversos estudos que abordam a alternância entre lateral e tepe na perspectiva da Sociolinguística Variacionista em diferentes variedades, como os estudos de Oliveira (1983), com falantes de Belo Horizonte; Gomes (1987), com dados de falantes da cidade do Rio de Janeiro e de Ribeirão Preto, SP; Mollica e Paiva (1991, 1993), com dados da Amostra Censo 1980 do Rio de Janeiro; Quandt (2004), com falantes de comunidade de pescadores do Norte Fluminense; Costa (2006, 2007), com dados do VARSUL; Tem Tem (2010), com crianças de escola pública da Zona Oeste do Rio de Janeiro, coleta realizada em dois momentos diferentes, quando tinham entre 5 e 7 anos e, depois, entre 9 e 11 anos; Dias (2019), com dados de comunidades afro-brasileiras do estado da Bahia; Espírito Santo (2019), com dados de falantes de área rural e urbana em São Miguel Arcanjo, cidade do interior do estado de São Paulo, entre outros. Em conjunto, os estudos buscaram identificar condicionamentos linguísticos e sociais da variação, hipóteses de representação da variação no conhecimento linguístico do falante, evidências de mudança em progresso ou variação estável, além do significado social da variante tepe na comunidade estudada. Registre-se ainda o trabalho de Costa (2011), que apresenta uma abordagem dinâmica, com base na Fonologia Gestual, com ênfase no caráter gradiente da variação, tendo como base análises acústicas de dados de variação, e o de Gayer e Dias (2018), que apresenta uma análise sobre as motivações da estrutura silábica na alternância entre as líquidas com base na Teoria da Otimalidade. Ainda, em relação a dados diacrônicos da variação em questão, o trabalho de Gomes (1987) apresenta uma análise de dados da fase do português arcaico. Recentemente, Barreto e Massini-Cagliari (2020) também focalizaram o rotacismo no português medieval, apresentando dados de variação e refletindo sobre a padronização da escrita neste período.

Neste artigo, busca-se discutir questões de representação da variação, mudança linguística e de avaliação social da variante com o tepe com base nos achados de Gomes (1987), rediscutidos à luz dos pressupostos teóricos dos Modelos de Exemplares (BYBEE, 2010; PIERREHUMBERT, 2016; CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2017, 2020), com a finalidade de situar a variabilidade observada sincronicamente, hipóteses de mudança e da organização cognitiva da variação e hipótese sobre a construção do valor social de estigma da variante tepe. O trabalho de Gomes (1987) se diferencia do de Oliveira (1983) e dos demais subsequentes por defender, com base nos resultados obtidos para dados de variação no PB contemporâneo da época de seu estudo e a análise de dados diacrônicos, que

a variação em questão precisa ser observada tendo o item lexical como unidade de análise e não os segmentos, a lateral e o tepe. À época do estudo, essa hipótese foi definida como um processo de difusão lexical, em oposição à abordagem neogramática da variação, com base em Labov (1981). Assim, o presente artigo pretende situar os resultados obtidos em Gomes (1997) em relação aos pressupostos teóricos do Modelo de Exemplares, buscando contribuir para o entendimento da variação em questão tanto do ponto de vista sincrônico quanto do ponto de vista diacrônico.

1. Considerações sobre o status da variação de consoantes líquidas no conhecimento linguístico do falante e a abordagem dos Modelos de Exemplares

1.1 Pressupostos dos Modelos de Exemplares

Os Modelos de Exemplares (BYBEE, 2010; PIERREHUMBERT, 2016; CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2017, 2020) propõem que o conhecimento linguístico internalizado pelos falantes contém informação detalhada das quais emergem as abstrações. As representações detalhadas (memória enriquecida – *rich memory*) se baseiam na experiência do falante com a produção e percepção em diferentes contextos linguísticos, discursivos, pragmáticos e sociais. Assim, a variação linguística, conforme proposta por Weirich, Labov e Herzog (1968), nesta modelagem, é central e não periférica, tem status representacional, não sendo, portanto, um processo que se aplica a uma forma base invariante. Especificamente em relação à variação sonora, as variantes fazem parte da representação detalhada, que captura os aspectos articulatório-acústicos gradientes e redundantes presentes na fala, os exemplares, ou diferentes formas fonéticas de um mesmo item, que fazem parte da experiência do falante. Essa hipótese se baseia em um conjunto de evidências oriundas de estudos que mostram a importância do detalhe fonético e da variação linguística no processamento da linguagem (FLEGE; HILLENBRANDT, 1986; SANCIER; FOWLER, 1987; JOHNSON, 1987; PIERREHUMBERT, 1994; HAY et al., 2006; CASASANTO, 2010; LOUDERMILK, 2013, entre outros). Ainda, o modelo está ancorado nos seguintes princípios básicos gerais: a) o conhecimento linguístico é o resultado da interação entre aspectos inatos da cognição humana e a experiência do indivíduo com a língua; b) o uso (experiência com a língua) impacta as representações; c) as generalizações sobre as formas não estão separadas das representações das formas, isto é, emergem diretamente delas; d) não separação entre léxico e gramática; e) o léxico está organizado em redes de conexões lexicais baseadas em semelhanças sonoras, semânticas ou sonoras e semânticas simultaneamente entre os itens lexicais (LANGACKER, 1987; BYBEE, 2001, 2006, 2010, 2015; TOMASELLO, 2003).

As representações fonéticas detalhadas são dinâmicas, atualizadas com a experiência e, portanto, podem ser alteradas com o tempo. Assim, as representações mudam no indivíduo e não entre gerações (PAIVA; DUARTE, 2003; HARRINGTON, 2006; SANKOFF; BLONDEAU, 2008). De acordo com os Modelos de Exemplos, portanto, os resultados de estudos sociolinguísticos, de mudança completa entre gerações de uma mesma sincronia, são o resultado da atualização gradual das representações ao longo da vida dos indivíduos, que avançam a mudança, sendo esta transmitida no interior da comunidade de fala (transmissão) ou baseada em modelos/padrões de variação de fora da comunidade (difusão), de acordo com Labov (2007).

As atualizações ou alterações das representações fonéticas finas podem ter consequências nas abstrações emergentes (HAY et al., 2006). Há evidência de que os falantes processam a estrutura abstrata das palavras, em relação ao número de sílabas, em função da frequência de uso das variantes. Connine, Ranbom e Patterson (2008) mostram, através de teste de percepção da alternância entre presença e ausência da vogal [ə] pós-tônica em inglês, como em *average* ~ *av'rage* (média), que há efeito da frequência da variante (com ou sem a vogal postônica) em estímulos em que a duração da vogal gera ambiguidade, isto é, nem plenamente realizada e nem totalmente ausente. Estímulos ambíguos de itens lexicais que tendem a ser produzidos sem a vogal tenderam a ser processados como tendo duas sílabas, como é o caso de *factory* (fábrica). Já itens lexicais frequentemente produzidos com a vogal, como *salary* (salário), foram interpretados como contendo três sílabas. Segundo os autores, esses resultados mostram que a frequência de ocorrência das variantes tem papel importante na organização da representação dos exemplos, de maneira que há um exemplar (ou exemplos) dominante em relação aos demais.

Assim, de acordo com os pressupostos dos Modelos de Exemplos, as diferentes instâncias fonéticas da alternância entre a lateral e o tepe, incluindo a gradiência, como a observada no estudo de Costa (2011), fazem parte das representações das formas das palavras no léxico. A questão fica, portanto, em relação a qual exemplar é a representação dominante em relação às demais. Dados de produção, considerando o exposto em Connine et al. (2008), permitem propor que a variante mais frequente será dominante em relação às demais.

1.2 Considerações sobre a alternância de líquidas no PB sob a ótica do Modelo de Exemplares

1.2.1 Perfil social dos falantes

No estudo de Gomes (1997), a frequência de ocorrência das variantes é função direta do grupo social a que pertencem os indivíduos das amostras coletadas. Faz-se, portanto, necessário descrever as amostras que serviram de base para a coleta de dados. As amostras das cidades do Rio de Janeiro (RJ) e Ribeirão Preto (RP), organizadas pela autora entre 1983 e 1985, foram compostas por entrevistas de fala espontânea seguindo a metodologia da entrevista sociolinguística com o objetivo de obter um espectro de estilos, incluindo o vernáculo, situação de ausência de tensão comunicativa. Nas duas localidades, os indivíduos eram nascidos no local ou haviam se mudado para a cidade até 5 anos de idade. Ambas as amostras, foram compostas por 24 indivíduos, 12 de status socioeconômico alto e 12 de status socioeconômico baixo, organizados em três faixas etárias – 15 – 20, 21 – 30, 31 – 45, sendo 4 indivíduos para cada faixa, 2 homens e 2 mulheres. Os dois grupos sociais da cidade do Rio de Janeiro são formados por falantes de classe média alta e média, com faixa salarial entre 10 e 25 salários mínimos, profissionais do setor terciário (economistas, arquitetos, diretora de escola, engenheiros), todos com formação universitária, exceto os entrevistados entre 15 e 20 anos, sendo 2 de 16 anos, cursando o segundo ano do ensino médio, 1 de 18, aprovado na seleção de vestibular da época, e 1 de 20, já universitário. Todos eram moradores de bairros da Zona Sul da cidade (Leblon, Copacabana e Laranjeiras). O segundo grupo foi formado por empregadas domésticas, entregador de jornal, carregador de papel em empresa de comércio de material de escritório, mecânicos de oficina, desempregados e adolescentes cujos pais exercem as atividades mencionadas dos outros entrevistados deste grupo ou estavam desempregados. Eram moradores da Cruzada de São Sebastião, no Leblon, Morro da Mangueira e Vila São João, na Avenida Brasil, na sua maioria, moradores de conjuntos habitacionais construídos para erradicação de favelas, ou moradores de novas favelas surgidas ao longo do tempo. A maioria não havia concluído o ensino fundamental à época das entrevistas. Apenas um dos adolescentes havia concluído o ensino médio por ser atleta em um colégio particular, mas, à época da entrevista, já havia se desligado do corpo de atletas da escola. Em Ribeirão Preto, o setor de classe média foi composto por moradores do bairro Jardim Paulista, bairro típico de classe média alta da cidade à época, e também estavam ligados a atividades do setor terciário – professores universitários e comerciantes, ou adolescentes cujos pais exerciam estas atividades. Quanto à escolaridade, na faixa de 15 a 20, todos cumpriam ou cumpriram as etapas do período ideal de acordo com a idade; na de 20 a 30, todos possuíam formação universitária; e, na faixa de 31 a 45, apenas 2 possuíam formação universitária. O outro grupo foi formado por auxiliares de escritório, técnico da prefeitura com exigência de ensino fundamental completo, funcionários do setor do comércio, algumas mulheres sem

ocupação profissional formal, e adolescentes cujos pais se enquadravam nas situações descritas para os entrevistados. Eram moradores de dois bairros vizinhos, Jardim Iguatemi e Castelo Branco Novo, com características semelhantes: bairros formados por conjuntos habitacionais, denominados à época de BNH. Somente no Jardim Iguatemi, as casas eram geminadas. Nos dois bairros, as casas possuíam as mesmas dimensões: sala, 2 quartos, cozinha e banheiro, sem acabamento de forro no teto. Modificações posteriores foram feitas pelos moradores. Nos dois bairros todas as ruas eram asfaltadas, com saneamento básico e servidos por linhas de ônibus que os ligam ao centro da cidade. De acordo com o descrito, os perfis dos falantes de classe média nas duas cidades se aproximam, ao passo que os outros dois grupos não apresentam características equivalentes. Porém, em cada cidade, os dois grupos correspondem a indivíduos com perfis socioeconômicos distintos. Ainda, com relação à elicitación de dados com o grupo consonantal em questão, alguns temas das entrevistas procuraram induzir o uso de determinados itens lexicais (clube de futebol: Flamengo, Atlético, Fluminense, novela de televisão (da Rede Globo), custo de vida: inflação, bairro da cidade: Leblon), ao mesmo tempo em que para um conjunto grande de dados não seria possível e nem necessário prever no roteiro da entrevista (advérbios: plenamente, simplesmente, adjetivos: simples, complicado, complexo, substantivos: problema, explicação, fluxo, flexibilidade, etc).

1.2.2 Considerações sobre a variação observada na perspectiva do Modelo de Exemplares

Os dados obtidos para cada grupo de classe média indicaram ausência total da variante tepe (0/224 – Rio de Janeiro, 0/154 – Ribeirão Preto), e no outro grupo social estudado, em cada cidade, foram obtidos os seguintes percentuais de realização do tepe no *onset* complexo: 106/308 – 34,41%, no Rio de Janeiro e 90/408 – 22,05%¹, em Ribeirão Preto. Gomes e Paiva (2002) também encontraram esse mesmo perfil de distribuição, ausência absoluta do tepe, em indivíduos mais escolarizados, com ensino médio, da Amostra Censo 1980, da comunidade de fala do Rio de Janeiro, e presença de tepe em indivíduos com escolaridade mais baixa. O fato de não haver registro de realização do tepe no grupo consonantal entre os falantes da classe média nas entrevistas das amostras de Gomes (1987), ou de outros estudos, não significa que a realização seja categórica com a lateral entre estes falantes, mas que dados com o tepe são raros e, por isso, não são capturados nas entrevistas. Observações assistemáticas (SANKOFF, 2002; LABOV, 1972/2008, p. 246), dados levantados em situações cotidianas de conversas ouvidas em transportes públicos, salas de aula, programas de TV, conversas entre conhecidos e familiares,

¹ Os percentuais foram calculados para os dados que apresentaram variação e não para todos os dados obtidos para a amostra como um todo.

etc, e anotadas no momento em que foram produzidas, mostram que, embora rara, a variante com o tepe ocorre entre falantes mais escolarizados e de status socioeconômico mais alto. Observa-se que, em algumas situações em que os falantes percebem que produziram o tepe, produzem novamente o item lexical com a lateral. O que torna esses dados raros é que a variante com o tepe é evitada maximamente pelos falantes com perfil de status socioeconômico alto, dado seu alto grau de estigma em comunidades urbanas, especialmente em grandes centros urbanos, questão que será abordada na seção 3 deste artigo. Assim, considerando que todos os falantes da comunidade de fala das cidades estudadas têm experiência/exposição tanto a dados com a lateral quanto com o tepe, de acordo com os Modelos de Exemplares, a representação de palavras com *onset* completo, no léxico mental, vai conter exemplares com diferentes detalhes acústicos, incluindo a realização de diferentes articulações percebidas como a lateral e diferentes articulações percebidas como tepe.

O que vai diferenciar falantes que produzem raramente o tepe, ou não produzem, e os que produzem com alguma frequência será a organização da representação dos exemplares em função de qual é o exemplar dominante em relação aos demais, que, de acordo com Connine et al. (2008), será o mais frequente. Os dados observados para os falantes de classe média das duas cidades, com ausência da variante tepe, permitem afirmar que, para este grupo, o exemplar dominante na representação de qualquer item lexical contém a lateral no *onset* complexo. Já entre os falantes que produzem a variante com o tepe, para identificar qual variante é o exemplar dominante, se o tepe ou a lateral, será necessário observar um conjunto de produções da mesma palavra para identificar se há prevalência do tepe sobre a produção com a lateral para cada indivíduo da amostra². Nos dados do estudo de Gomes (1987), foi observado que alguns itens apresentaram comportamento semelhante nas duas amostras, sendo que alguns foram produzidos majoritariamente com o tepe, como o item *inclusive* (22/33 – 66,66% – RJ; 14/21 – 66,66% – RP), ao passo que outros, majoritariamente com a lateral, como *Flamengo* (3/7 – 42,85% – RJ; 14/51 – 27,45% – RP), e outros exclusivamente com a lateral, como *claro*. Na amostra de RP, há registro de nomes próprios produzidos pelo mesmo falante exclusivamente com a lateral (*Clarice* – 0/19), e outros produzidos exclusivamente com o tepe (*Glauber*, 3/3). Antunes Santos (1985) encontrou situação semelhante para o verbo *plantar* entre falantes da região rural de Turmalina, com ocorrência categórica com o tepe, ao passo que outros apresentaram variação e ocorrência predominante com a lateral. A autora levantou a hipótese segunda a qual alguns itens lexicais possuem o tepe na forma subjacente e outros a lateral. O comportamento diferenciado de itens lexicais em relação à ocorrência das variantes, observado nos dois estudos, de acordo com o Modelo de Exemplares, pode ser entendido como correspondendo a organizações

² Ver Melo (2012), sobre variação na realização de fricativa posterior em alternância com fricativas não posteriores, como me[h]mo ~ me[z]mo, que verificou a incidência das posteriores por item lexical e por falante das Amostras EJLA e Censo 2000, da comunidade de fala do Rio de Janeiro, podendo determinar qual o exemplar dominante por item e por falante.

diferentes dos exemplares, isto é, da representação detalhada desses itens, no que diz respeito ao exemplar dominante³.

A hipótese de representação detalhada em exemplares (ou variantes) acomoda melhor as situações observadas em Antunes Santos (1985) e em Gomes (1987): a) o fato de que itens lexicais diferentes podem apresentar comportamento distinto quanto à incidência em que são produzidos com uma determinada variante; e b) a possibilidade de haver diferença de incidência das variantes para o mesmo item lexical a depender de determinado perfil social dos falantes. Nos dois casos, a experiência do indivíduo com a língua está capturada na organização dos exemplares em função da frequência de ocorrência das variantes e também de aspectos da indexação social das variantes.

A seção a seguir, apresenta os principais resultados do estudo de Gomes (1987), relacionados aos condicionamentos linguísticos dos dados sincrônicos e diacrônicos, questões da propagação da mudança no português arcaico, que serão tomadas como base para discutir a importância da avaliação social como determinante da direcionalidade da mudança diacrônica e da diferença abrupta da frequência das variantes em grupos sociais distintos no PB, questões desenvolvidas na seção 3.

2. Questões de mudança linguística: passado e presente da alternância entre lateral e tepe no *onset* complexo

2.1 Aspectos sincrônicos

Em Gomes (1987), foram testadas hipóteses de condicionamento estrutural relacionadas com:

- (a) a estrutura do *onset* complexo, no que diz respeito às consoantes que ocupam a primeira posição e a relação com as líquidas da segunda posição, com base na hipótese de Hooper (1976, p. 195), que prevê que a organização dos segmentos na estrutura silábica se baseia em um contínuo de força, denominado de *escala de força*. Essa constituiu a primeira proposição da sílaba como uma unidade de análise fonológica, tendo sido seguida da proposta da *escala de sonoridade* de Clements (1990). A escala de força de Hooper se organiza a partir dos segmentos que ocupam o *onset* em direção ao núcleo e depois em direção à coda. A escala de sonoridade parte do núcleo para as margens. A escala de sonoridade

³ Evidências do estudo de Melo (2012) mostraram, para as variantes da coda (s), fricativa pós-alveolar e velar/glotal, que falantes com perfis socioeconômicos diferentes apresentam variante/exemplar dominante diferente para os mesmos itens lexicais. Foi observado, para um conjunto de itens lexicais como, por exemplo, *mesmo*, *nós*, *desde*, a prevalência de produção com a fricativa pós-alveolar entre falantes de classe média, e a da fricativa velar ou glotal entre os adolescentes excluídos socialmente.

estabelece a mesma hierarquia da escala de força, no entanto, na direção contrária. Assim, as consoantes que ocupam a primeira posição do *onset* complexo no PB foram organizadas em função de propriedades definidores de maior ou menor força da escala de Hooper, que combina modo de articulação e vozeamento, e também quanto à oposição exclusivamente de vozeamento e ponto de articulação. Uma vez que a organização dos segmentos na sílaba se baseia na distribuição de elementos mais fortes em posição de *onset*, seguidos de elementos mais fracos da escala, e que a lateral é mais forte que o tepe, de acordo com Hooper, o esperado era que a lateral seria favorecida quando precedida de consoantes mais fortes da escala, como as oclusivas desvozeadas, p, t e k, muito embora os itens lexicais com *tl* sejam em número bastante reduzido no português, já que este grupo consonantal não existia no latim. Por outro lado, esperava-se o efeito de desfavorecimento da lateral quando precedida de consoantes mais fracas da escala, como b, d, g e f.

- (b) a tonicidade da sílaba. Foi testada a hipótese de favorecimento da realização do tepe em sílabas fracas do ponto de vista da tonicidade, átonas finais, principalmente, e pré e pós-tônicas não finais, pois esses contextos são mais propícios a modificações segmentais, conforme evidenciado historicamente, ao passo que sílabas tônicas tendem a ser preservadas.
- (c) posição da sílaba na palavra: inicial, medial e final. Foi testada a hipótese de que sílaba em posição inicial tende a ser preservada, desfavorecendo então a ocorrência do item com o tepe. Essa hipótese se baseou em evidências históricas apontadas por Mattoso Câmara (1985, p. 51) de que, em mudanças do latim para o português, as sílabas internas foram mais afetadas que as iniciais. Do ponto de vista sincrônico, as átonas finais seriam as mais favorecedoras do tepe.
- (d) vogal da sílaba. Foi avaliada a hipótese de não haver relação entre a vogal que é núcleo da sílaba CCV e a alternância entre lateral e tepe, uma vez que as consoantes líquidas apresentam características semelhantes como ponto de articulação e vozeamento. Assim, a configuração da cavidade oral para produção da vogal não teria efeito sobre a realização das líquidas. As vogais foram analisadas em função de posição horizontal da língua, altura e nasalidade.
- (e) presença de outra líquida na palavra. Historicamente, há registro de maior variabilidade em itens lexicais com outra consoante líquida na palavra (variação: *delugos* por *créligos*, *pirollas* por *pímulas*, *cellorgiães* por *cirurgiães*, nos textos arcaicos; mudança: *callamellu* > *caramellu* – SAID ALI, 1964, p. 46). Assim, foi testada a hipótese segundo a qual a presença de outra líquida poderia favorecer a ocorrência do tepe.

A análise estatística foi realizada somente para os dados com variação dos dois grupos sociais de status socioeconômico mais baixo das duas cidades e refeita, para este artigo, utilizando a Plataforma R. O teste do qui-quadrado foi utilizado para testar se há relação entre a realização das variantes e a variável independente testada, com o objetivo de observar se a hipótese nula (H_0), ausência de relação entre os percentuais de distribuição de realização do tepe por fator da variável independente, poderia ser ou não rejeitada. Neste caso, rejeitar H_0 significa que há efeito do fator observado na realização do tepe (p -valor $\leq 0,05$). Os resultados do teste de qui-quadrado mostraram ausência de efeito de todos os grupos testados nos dados de RP, e, nos do RJ, exceto para a sonoridade da 1ª consoante do *onset* complexo. Dada à impossibilidade de realizar uma análise multivariada de efeitos mistos à época, uma nova rodada de qui-quadrado foi realizada, excluindo os itens lexicais *inclusive* e *problema*, com maior percentual de tepe nas duas amostras. (GOMES, 1987, p. 70-77). Os novos resultados confirmaram a ausência de efeito das variáveis estruturais testadas em ambas as localidades. A interpretação para este tipo de evidência à época do estudo, de acordo com Labov (1981), quando não há condicionamento estrutural é a de que há pelo menos duas possibilidades de explicação: a) generalização do processo de mudança, que se expandiu para além do contexto primário; ou b) a mudança ocorre por difusão lexical. Como em nenhum dos dois conjuntos de dados analisados havia evidência de mudança na direção do desaparecimento da lateral, a conclusão foi que a variação ocorre por difusão lexical. A partir daí, buscou-se evidências de condicionamentos lexicais com base na observação de itens agrupados em função de 3 categorias: frequência relativa no corpus – palavras comuns e frequentes, como marcadores discursivos (*completamente*, *inclusive* etc) independentes de tópico da conversa; palavras comuns, pertencentes a conversas informais (time de futebol – *flamengo*, *atletico*, etc, bairro (*Leblon*), substantivos, adjetivos dependentes ou não de tópico da conversa (*problema*, *explicação*, *explicar*, *simples* etc); palavras especializadas e nomes próprios (*platina*, *teclado*, *implementos* etc). No entanto, a ausência de uma base de dados maior para a análise de frequência dos itens e de uma análise estatística mais adequada não possibilitaram a obtenção de resultados confiáveis para determinar as propriedades dos itens lexicais que poderiam atuar na variação, apesar dos resultados de p -valor obtido no teste de qui-quadrado, para esta variável, 0.04787 (RP) e 0.04653 (RJ).

A análise de Gomes (op. cit.) teve como base uma hipótese mais geral da fonologia clássica (estruturalismo e gerativismo) de compartilhamento de uma mesma representação subjacente abstrata com informação sonora não redundante para todos os indivíduos de uma mesma comunidade de fala. No entanto, de acordo com o postulado nos Modelos de Exemplos, as representações das formas das palavras contêm detalhe fonético e podem ser organizadas diferentemente para os falantes de uma mesma variedade em função de sua experiência com a língua. Além disso, há evidências de que mudanças com condicionamento fonético também se propagam por difusão lexical (BYBEE, 2002) e que as palavras mais frequentes são atingidas primeiramente, o que significa dizer que difusão lexical

não é um processo exclusivo da situação em que não se identifica condicionamento fonético-fonológico, mas a maneira como a mudança sonora se propaga, tendo o item lexical e não o segmento como unidade da mudança, posição também defendida por Oliveira (1991), embora com base em outra hipótese de organização do conhecimento linguístico. Assim, os resultados encontrados constituem evidência de que o rotacismo no PB não é condicionado por contexto sonoro, ou da composição da sílaba ou da estrutura da palavra. Atinge itens lexicais com os segmentos em questão, dada a semelhanças articulatórias dos dois segmentos.

Esses resultados apontam para a importância de tratamento estatístico dos dados considerando uma análise multivariada com fatores de efeito aleatório (*random effect*), como o item lexical, além das variáveis independentes de efeito fixo, como as observadas nos estudos sobre o rotacismo e que envolvem características da 1ª consoante do *onset* complexo, vogal seguinte, tonicidade da sílaba etc, para uma melhor checagem da importância de efeitos estruturais, não identificados em Gomes (op. cit.), mas identificados nos outros estudos, que também não consideraram a análise de itens lexicais⁴.

Com relação ao tratamento binário dado ao rotacismo nas análises variacionistas, o estudo de Costa (2011) mostra que a alternância segmental na 2ª posição do *onset* complexo corresponde a um fenômeno gradiente que envolve mais de duas variantes, nos dados de falantes de Curitiba, e não uma troca categórica de um segmento por outro. Os mesmos contextos sonoros foram analisados para falantes sem e com rotacismo identificado em fala espontânea. Estudos futuros de análise acústica dos dados de variação, coletados de fala espontânea, podem ajudar a avançar o entendimento do fenômeno com dados de variação, mostrando a relação entre a análise de oitiva, portanto, a percepção do indivíduo, e o detalhe fonético presente na produção. Porém, mesmo em uma análise que considera os aspectos gradientes da variação de líquidas, observa-se que a probabilidade de ocorrer diferentes nuances de tepe não é a mesma para todos os falantes de uma mesma variedade. Assim, o aspecto da avaliação social pode ser determinante no entendimento da variação conforme ela se manifesta sincronicamente no PB e também no curso da história do português, conforme será desenvolvido na seção 3.

2.2 Aspectos diacrônicos

A alternância observada sincronicamente nas variedades do PB é bastante antiga, conforme já mencionado, e está fartamente documentada em textos do período denominado português arcaico. As

⁴ No trabalho de Espírito Santo (2019), foi realizada análise estatística de efeitos mistos, tomando item e indivíduo como efeito aleatório, no entanto, os resultados não foram considerados. Além disso, estão incluídos, na análise estatística, os dados dos falantes com realização categórica da lateral.

gramáticas históricas do português mencionam duas mudanças para os grupos consonantais do latim *pl*, *fl* e *cl*: palatalização e rotacismo. As tentativas de explanação sobre as mudanças ocorridas com os grupos consonantais formados por obstruinte + lateral (*flamma*, *flaccu*, *clave*, *clavu*, etc) seguem normalmente uma explicação neogramática, em que as exceções são explicadas como entrada por via erudita, e localização geográfica. Assim, *pl*, *fl* e *cl* do latim teriam se palatalizado, em um primeiro momento, em itens lexicais de uso mais frequente ou popular (TEYSSIER, 1984 p. 14), como em *aplicare* > *achegar*, *pluvia* > *chuva*, *plano* > *chão*. A mudança na direção da manutenção como grupo consonantal, mas com substituição da lateral pelo tepe, teria ocorrido em um grupo de palavras menos popular, como *implicare* > *empregar*, *flaccu* > *fraco*. Já os itens lexicais que mantiveram a lateral, que alterna com o tepe sincronicamente no PB, são consideradas pelas gramáticas históricas como eruditas, reintroduzidas por via literária. Said Ali (1964, p. 45) acrescenta que o rotacismo iniciou nos grupos *pl*, *fl* e *cl* e depois foi estendido a *bl* e *gl*. Em Coutinho (1984, p. 118) e Teyssier (op. cit., p. 14), encontra-se a referência à localização geográfica dos dois processos de mudança: a palatalização teria surgido no norte da Península Ibérica, enquanto o rotacismo, no sul. Segundo Teyssier, a palatalização não ocorreu na região ocupada pelos árabes ficando restrita à área primitiva do galego português, ao norte da cidade do Porto.

Gomes (op. cit.) pondera que as gramáticas históricas não fornecem evidências para sustentar estas duas hipóteses e levanta as seguintes questões: a) que parâmetros caracterizam *plenu*, *flagare* e *clave* como itens comuns, que mudaram, respectivamente, para *cheio*, *cheirar* e *chave*, no português, *placere*, *flacu* e *clavu*, respectivamente, no português, *prazer*, *fraco* e *cravo*, como menos populares, e *planta*, *floco* e *claro*, que não foram atingidas pela mudança, como eruditas?; b) se os dois fenômenos têm origem em regiões geográficas diferentes, por que não há evidência de ‘pruvia’ para pluvial, no sul, e *chacere* para *placere*, no Norte? Gomes (op. cit.) busca responder essas questões com base em dados de fonte primária e fonte secundária.

As evidências de fonte secundária apontam para a mesma origem geográfica para as duas mudanças. Segundo Menéndez Pidal (1949, p. 199), em leonês antigo e moderno, os grupos consonantais formados com *l* podem ocorrer com a consoante *r* (*igresia*, *branco*, *praça*). A região de León é exatamente limítrofe à região que corresponde à área primitiva do galego-português (TEYSSIER, op cit., 684-686). Ainda, conforme Menéndez Pidal (op. cit., p. 26-27), são empréstimos do leonês para o espanhol algumas palavras que apresentam o *r*⁵. O registro da ocorrência do *r* tanto no português antigo quanto no leonês antigo situa a ocorrência do rotacismo na região norte da Península Ibérica na mesma época. As gramáticas históricas também trazem evidência, para o mesmo

⁵ “podemos crer leonesas la voz *cobra*, *cobre*, [...], pues em leonês los grupos cuya segunda consoante es una *l* la truecan em *r*, [...], y disse brando, prata, *niebra*, *pueblo*, *sigro*.” (MENÉNDEZ-PIDAL, 1949, p. 27).

item lexical, das duas possibilidades de mudança em dados do português arcaico (p. ex., *fragare*, *cheirar* < *flagare*, *plantar*, *chantar* < *plantar*, *cramar*, *chamar* < *clamare*, entre outras (COUTINHO, 1984, p. 118-122). No levantamento realizado por Gomes em textos do português arcaico, também houve registro da forma *chantou* para o verbo *plantar*. Esse conjunto de evidências permite dizer que os dois processos foram concorrentes por algum momento. É possível que o processo de palatalização tenha se iniciado antes do rotacismo, que, como processo posterior, atingiria as palavras que ainda não teriam mudado completamente ou que ainda não tivessem sido atingidas pelo processo de palatalização. Uma outra evidência importante é o fato de que alguns itens com *pl*, *fl*, *cl* apresentam mudança nas duas direções, sendo que cada forma tem um significado diferente, consideradas formas divergentes nas gramáticas históricas, como, por exemplo, *plaga* > *chaga* e *praga*, *plicare* > *chegar* e *pregar* (COUTINHO, op. cit., p. 203).

A hipótese de interseção entre os dois processos encontra sustentação em Wang (1969). O autor levanta a seguinte questão: que explicação pode ser dada para sons que mudam diferentemente sob condições exatamente iguais? No caso, as condições semelhantes se referem ao ambiente sonoro, que é o caso dos grupos consonantais latinos *pl*, *fl* e *cl* e os dois resultados diferentes em termos de mudança. Do ponto de vista dos neogramáticos, as diferenças encontradas nas mudanças sonoras seriam explicadas por analogia ou empréstimo (caso das palavras eruditas que mantiveram a lateral, conforme nas gramáticas históricas do português). Para Wang, já que as línguas estão em constante mudança, é de se esperar que haja exceções como resultado de mudanças que não completaram seu curso. Porém, algumas situações são resultantes da interseção entre mudanças que competem no mesmo contexto sonoro⁶. Nesse caso os resíduos ou exceções seriam, na verdade, falsos resíduos. Assim, uma mudança será regular se nenhuma outra competir com ela. Nesse caso, idealmente uma determinada forma X, em um determinado momento, irá mudar para Y, em todos os contextos relevantes de aplicação da mudança. No entanto, se houver a competição de outra mudança para o mesmo segmento no mesmo contexto, o processo inicial deixará de ser regular.

Para Wang, a mudança sonora será foneticamente gradual, em relação ao segmento que muda, se houver entre X e Y diferenças articulatórias que se situam em um contínuo fisiológico, caso contrário, a mudança é abrupta do ponto de vista fonético. Porém, em ambos os casos, a mudança se propagará gradualmente no léxico. O Modelo de Exemplares fornece uma modelagem que dá sustentação à proposta de Wang (1969), para a mudança sonora, ao postular a inseparabilidade entre léxico e gramática, no caso, entre léxico e fonologia, e estabelecer o item lexical e não o segmento como unidade representacional e, portanto, da mudança. Isso significa dizer que não são os sons, ou

⁶ “two sound changes are intersecting if and only if the period of operation of one is partly or wholly concurrent with the period of operation of the other”. (WANG, 1969, p. 11).

segmentos abstratos que mudam, mas as palavras, podendo o resultado final ser regular, isto é, a mudança ocorrer em todo o léxico, e ter consequências nas abstrações que emergem das representações detalhadas, conforme mencionado na seção anterior.

Assim, com relação a mudanças ocorridas, no português, nos grupos consonantais *pl*, *fl* e *cl*, antes do século XII, período limite para a fixação das mudanças ocorridas no galego-português, segundo Teyssier (op. cit., 13), o rotacismo seria a mudança competidora que impediu que a palatalização se estendesse a todos os itens lexicais com *pl*, *fl* e *cl*, também afetando os grupos *bl* e *gl*. Obviamente não se descarta a possibilidade de alguns itens terem entrado na língua em data posterior, seja por empréstimo ou mesmo por via erudita, como, por exemplo, pode ter sido o caso, respectivamente dos itens lexicais *flauta* e *eclésiástico*, de acordo com o dicionário etimológico de Cunha (1982), registradas no século XIV⁷. Ainda, a expansão do galego-português para o sul, abaixo do Rio Mondego, para a zona moçárabe, no período da reconquista do território ocupado pelos árabes, também pode ter contribuído, segundo Saraiva (1985, p. 50), para que alguns processos de mudança deixassem de operar em função do contato com comunidades em que algumas mudanças não haviam ocorrido ainda. O autor cita a queda de -l- e -n- intervocálicos, típica do galego-português, mas que não ocorreu na zona moçárabe, como atestam determinados topônimos como Fontanelas e Barcarena. E dessa forma, o rotacismo pode ter também cessado de operar como um processo de mudança, embora já tivesse se completado para os itens que foram atingidos primeiramente e que, no português, são produzidos com o r, como, por exemplo, *cravo*, *fraco*, *prazer*, *empregar*, *igreja*, *branco*, *nobre*, etc.

Finalmente, os 241 dados de fonte primária (ANEXO II), levantados de textos do século XII ao século XV, período considerado por alguns autores como português arcaico ou português antigo (COUTINHO, 1984), também foram submetidos à análise estatística do teste de qui-quadrado para verificar se há efeito das mesmas variáveis estruturais observadas para os dados do Rio de Janeiro e Ribeirão Preto. Foi observado um percentual de 31% (N=75) de formas grafadas com r, que tenderam a ocorrer com as consoantes *p*, *f*, *c* e *g*. No conjunto de dados levantados, não foi encontrado caso de alternância com *b* como primeira consoante do *onset* complexo. Também foi detectado que um único item, *exemplo*, corresponde a mais de um terço das ocorrências de r, 29 dados dos 75 coletados. Esses dados foram retirados da análise estatística e os resultados obtidos reproduzem o observado para os dados das amostras do Rio de Janeiro e de Ribeirão Preto, ausência de condicionamento estrutural para a maioria das variáveis, exceto para o ponto de articulação das consoantes (ANEXO III). O levantamento dos dados desta fase do português foi feito com base em edições impressas e não havia possibilidade de contabilizar tamanho da amostra de levantamento em função do número de itens

⁷ É importante mencionar que, de acordo com Cunha (1982, p. XIII-XIV), a datação da primeira ocorrência de um vocábulo pode ser recuada, mediante novos registros que venham a surgir em levantamentos realizados em outros documentos com data anterior ao registro já efetuado.

lexicais através de amostras digitalizadas. Em que pese as limitações na obtenção de dados no estudo de Gomes (1987), os resultados encontrados apontam para a importância de uma análise de dados deste período que considere também o item lexical como uma variável de análise, utilizando um tratamento estatístico mais adequado, com análise de efeitos mistos, incluindo o item lexical como variável aleatória, conforme mencionado para os dados do português contemporâneo na seção 2.1. Somente uma análise com mais dados e, conseqüentemente, com melhor distribuição em relação aos fatores das variáveis estudadas, poderá verificar se o efeito encontrado para as consoantes se confirma, e até mesmo, em relação à ausência de efeito para as demais variáveis estudadas.

Há ainda a questão da avaliação social da variante *r* como parte fundamental da compreensão da alternância de líquidas no *onset* complexo no português brasileiro atual e no período arcaico mencionado, tratada na seção a seguir.

3. Avaliação social da variação

Conforme já mencionado, nos dados coletados no Rio de Janeiro e Ribeirão Preto, não foi identificada a produção de item lexical com a variante *tepe* entre falantes da classe média nas entrevistas sociolinguísticas que compõem as respectivas amostras. Os casos de *tepe* ou rotacismo ficaram restritos aos falantes dos grupos sociais, de cada uma das localidades, caracterizados por status socioeconômico mais baixo, escolaridade mais baixa e, em muitos casos, irregular. Em Costa (2006, p. 112-113) também foi observada tendência de ocorrência do *tepe* em falantes menos escolarizados, assim como, no estudo de Espírito Santo (2019), há desfavorecimento do *tepe* entre falantes de área urbana em relação aos de área rural. Já em Quandt (2004), foi observado valor de prestígio encoberto para o *tepe* na comunidade de pescadores estudada, localizada no norte fluminense. Nos grandes centros urbanos, em que as diferenças sociais são mais profundas e evidentes, como no Rio de Janeiro e Ribeirão Preto, observa-se uma descontinuidade abrupta de ocorrência do *tepe* em grupos sociais com maior status socioeconômico e também maior escolaridade. Há ainda muito o que se conhecer sobre a avaliação social desta variante em diferentes variedades do PB contemporâneo. Nesta seção, será comentada a hipótese desenvolvida em Gomes (1987) para a mudança de avaliação social do rotacismo, usado com frequência no período do português arcaico, e, a princípio, sem valor social negativo associado, para a situação observada no português brasileiro até hoje, pelo menos pelos setores da sociedade com status socioeconômico mais alto, de forte estigma da realização da variante com o *tepe*.

Gomes (op. cit., p. 57-69) apresenta um conjunto de evidências, coletadas em gramáticas dos séculos XVI e XVII e em estudos dialetológicos sobre o português europeu, cotejadas com fatos históricos relacionados à formação de Portugal e, a partir daí, do status de língua nacional do

português e a consequente padronização linguística, para buscar entender o desenvolvimento do valor social negativo associado ao *r* no *onset* complexo.

Na *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, de Fernão de Oliveira, de 1536, há referência de que o uso do *r* no grupo consonantal era bastante comum, em contextos que naquele momento, início do século XVII, havia mais alternância com o *l*⁸⁸. De fato, no levantamento de Gomes (op. cit.) foi observada a ocorrência da consoante *r* em nomes próprios (*Pratom*, por Platão, D. *Crara*, *Ingraterra*), e nomes comuns (*resprandescentes*, *frechada*, *exempro*, *craro*, *craramente*, *crérgo*, *contemprador*, *negrigentes*, *esrarciam*, *pranetas*, entre outros) o que é indicativo de que essa variante não possuía *marca* social de desprestígio naquele momento. Uma parte do período do português arcaico corresponde historicamente ao período da Idade Média, anterior à formação do estado português. Portanto, a língua portuguesa não tinha status de língua nacional (e nem poderia ter) e a língua escrita não era padronizada, daí a grande variabilidade observada na grafia de palavras neste período, que, em muitos casos, expressa a variabilidade observada na fala naquele momento. Porém, o fato de a língua escrita não ser padronizada não significa que expresse toda a variabilidade observada nos diferentes segmentos sociais da época. Além disso, no período citado, escrever não era uma atividade comum, sendo restrita a indivíduos com essa função no clero e junto à nobreza. Certamente, a variabilidade presente nos textos arcaicos não corresponde à fala de camponeses e artesãos, categorias sociais do período medieval, juntamente com o clero e a nobreza (OLIVEIRA MARQUES, 1981). Como então uma variante provavelmente comum, não marcada socialmente, passou a ter um valor social negativo?

Buescu (1975, p. 13) chama a atenção, durante o século quatrocentista, de que há um progressivo movimento de valorização e imposição do uso vulgar (línguas faladas no momento) em substituição ao latim, tanto na literatura quanto nos documentos da época, momento que coincide com a formação do estado português (FERREIRA, 1977, p. 32). Portugal começa então a se estruturar como Estado e a língua passa a ter um papel neste novo tipo de organização política. Assim, no século XVI, surgem as primeiras gramáticas da língua portuguesa, que, segundo Buescu (op. cit., p. 13), são indicativas da importância da questão da língua, resultado da “incerteza sobre a norma linguística e da carência de padrões literários que garantissem seu prestígio”. Quais seriam então as bases para o estabelecimento de padrões de prestígio nesse momento? Segundo Buescu, a maior parte das gramáticas do período renascentista mantém o modelo latino, com exceção da de Fernão de Oliveira. Ainda, segundo Saraiva (1985, p. 53), nos séculos XV e XVI, a ortografia passa a ser alterada por influência do latim, assim como itens lexicais que já haviam desaparecido do uso são reintroduzidos. O estabelecimento de uma padronização com base em algumas formas do latim pode ter contribuído

⁸⁸ “a forma e melodia da nossa língua foi sempre mais amiga de pôr sempre *r* onde agora escrevemos às vezes *l* e às vezes *r*”. (OLIVEIRA, 1536/[1975], p. 45.)

para a percepção da variação e do afastamento da forma do *onset* complexo no latim para aquelas palavras que ainda alternavam a líquida, isto é, em que a mudança não havia se completado ainda.

Outras evidências interessantes estão no livro *Ortografia da Língua Portuguesa* de Duarte Nunes de Leão, de 1576, na seção “*Reformação de algũas palauras que a gente vulgar vsa & screue mal*”: o registro dos itens lexicais *creligo, crelesia, frol, frolido, negrigente, negrigencia, pruuico*, na lista de palavras “ERRADAS”, e as formas correspondentes na lista de “EMENDADAS”: *clérigo, clerezia, flor, florido, negligente, negligencia, publico*. Correções desse tipo, como no Appendix Probi, constituem evidência da percepção de correspondências, em uma determinada época, que vão além das palavras mencionadas nas listas. Assim, já no final do século XVI, há a referência a um valor social para a forma com o *r*, identificado como a forma de falar vulgar ou comum. E o fato de ser considerada a forma “errada” indica a expressão de um valor negativo. Por outro lado, em livro subsequente, de 1606, início do século XVII, *Origem da Língua Portuguesa*, na seção PALAVRAS EMPRESTADAS DO FRANCÊS, Duarte Nunes de Leão menciona *frauta e frecha*, do francês, *flute e fleche*. A comparação das duas listas permite ver que nem todos os itens lexicais passavam pelo crivo do valor social de desprestígio da forma com *r*, manifesta na obra do último quarto do século XVI. Seria então possível supor uma relação mais direta entre formas corrigidas e a comparação com o latim, por exemplo, ou mesmo uma progressão do valor negativo que abarca conjuntos de palavras com alguma gradualidade até chegar a se tornar um valor geral para todo e qualquer *onset* complexo com o tepe, independentemente do item lexical? Estudos com mais dados e diversidade de gêneros textuais do período arcaico podem fornecer evidências para resolver estas questões. Ocorrências registradas na literatura sobre variedades dialetais do português europeu (VASCONCELOS, 1985; CINTRA, 1983, p. 138; CARVALHO COSTA, 1963) mostram que a variante com o tepe permaneceu no português europeu e a padronização da língua legitimou a variante com a lateral.

Assim, o português trazido para o Brasil, ao longo do século XVI, continha a variação em questão e o valor social negativo atribuído à forma com o *r* pode ter sido adotado da mesma maneira que outros padrões linguísticos, ou pode ter se desenvolvido aqui em função de outra dinâmica social. O rotacismo também aparece em documentos brasileiros dos séculos XVIII, por exemplo.⁹

O valor social da variante com o tepe no português brasileiro, de avaliação negativa, independentemente do item lexical, difere do que se observa em outras variáveis do PB, em que há contextos em que a variante desprestigiada é menos saliente e, portanto, menos estigmatizada (DUARTE, 1989). De qualquer maneira, não se pode falar em um valor negativo absoluto para o tepe no PB em função dos achados de Quandt (2004), mencionados anteriormente, devido ao fato de que

⁹ “E sendo pelo Curador do Reo para ser perguntada a testemunha, se o Reo quando fes a espricaçam estava ou não em seu perfeito juízo.” Arquivo da Cassa Setecentista de Mariana, Cod 212, Auto 5991, 1859.

nem sempre os mesmos valores sociais são compartilhados por todos os indivíduos de uma mesma variedade (MELO, 2017).

Considerações finais

A abordagem da alternância de líquidas em *onset* complexo no português, apresentada neste artigo, que adota a hipótese de tratamento da variação como representação, de acordo com os Modelos de Exemplares, permite avançar a compreensão da distribuição descontínua das variantes pelos diferentes segmentos sociais de áreas urbanas que se caracterizam por serem cidades de médio e grande porte. De um lado, todos os falantes do PB estão expostos às mesmas possibilidades estruturais de alternância de líquidas, porém, a depender do perfil socioeconômico associado à escolaridade, a produção da palavra com o tepe no grupo consonantal é praticamente ausente, com ocorrência esporádica, dificilmente capturada na entrevista sociolinguística. No PB contemporâneo, essa configuração social da variação se deve ao valor de forte estigma atribuído ao tepe. Historicamente, um modelo de prestígio com base no latim pode ter sido o gatilho para a expansão gradativa do valor positivo da variante com a lateral para qualquer item lexical. A representação detalhada em exemplares permite modelar as diferentes situações observadas, uma vez que nelas estão acomodadas não só as diferentes possibilidades articulatório-acústicas que englobam as duas variantes, como também a indexação social de cada uma delas. A organização dos exemplares, relativa ao exemplar dominante em relação aos demais, vai depender da experiência do falante com a língua, a partir de seu perfil socioeconômico, em função de diferentes contextos sociais, discursivos e interacionais.

Há, no entanto, ainda muitas questões em aberto na compreensão da dinâmica desta variável linguística no PB tanto do ponto da produção quanto da percepção e da avaliação social. Também, a observação mais acurada da variação no português arcaico, com base em um corpus mais numeroso e com consequente melhor distribuição de contextos linguísticos, também poderá trazer contribuições para a compreensão do passado e do presente da variação em questão.

Referências bibliográficas

- ANTUNES SANTOS, Carolina do S. **Aspectos do Linguajar Rural da Região de Turmalina**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 1985.
- BARRETO, Débora A. dos R. J.; MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Rotacismo e Lambdacismo no Português: o processo de padronização ortográfica e as consoantes líquidas. **Revista Falante Miúda**, v. 5., p. 41-53, 2020.
- BUESCU, Maria Leonor C. **Duarte Nunes de Leão. Ortografia e origem da língua portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983.
- BYBEE, Joan. **Phonology and Language Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BYBEE, Joan. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. **Language Variation and Change**, v. 14, p. 261-290, 2002.
- BYBEE, Joan. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language**, v. 82, n. 4, p. 711-733, 2006.
- BYBEE, Joan. **Language, Use and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan. **Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CARVALHO COSTA, Alexandre de. **Curiosidades do Falar Popular do Alto Alentejo**. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre, 1963.
- CASASANTO, L. S. What do listeners know about sociolinguistic variation?. **Working Papers in Linguistics**, University of Pennsylvania, v. 15, p. 40-49, 2010.
- CINTRA, Lindley. **Estudos de Dialectologia Portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa, 1983.
- CLEMENTS, George N. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: KINGSTON, John; BECKMAN, Mary E. (eds.) **Papers in Laboratory Phonology I: Between the grammar and the physics of speech**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 283-333.
- CONNINE, Cynthia. M.; RANBOM, Larissa J.; PATTERSON, David J. Processing variant forms in spoken word recognition: The role of variant frequency. **Perception & Psychophysics**, v. 70, n. 3, p. 403-411, 2008.
- COSTA, Luciane T. **Estudo do Rotacismo: variação entre as consoantes líquidas**. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- COSTA, Luciane T. Análise variacionista do rotacismo. **Revista Virtual de Estudos a Linguagem - ReVEL** v. 5, n.9, p.1-29, 2007.

- COSTA, Luciane T. **Abordagem dinâmica do rotacismo**. Tese (Programa de pós-graduação em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- COUTINHO, Ismael de L. **Pontos de Gramática Histórica**. 7ª. ed. ver., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaís; GOMES, Christina A. Teoria de Exemplares. In: HORA, Dermeval; MATZENAUER, Carmen (org.) **Fonologia, Fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 157-68.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaís; GOMES, Christina A. Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplares. In: GOMES, C. A. **Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplares: para além da dicotomia nature/nurture na ciência linguística**. São Paulo: Contexto, 2020, p. 13-36.
- CUNHA, Antônio G. da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DIAS, Ludquellen B. **O rotacismo em comunidades rurais afro-brasileiras do estado da Bahia**. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2019.
- ESPÍRITO SANTO, Julia M. F. **Entre o campo e a cidade: rotacismo em São Miguel Arcanjo**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- FLEGE, James. E.; HILLENBRAND, James M. Differential use of temporal cues to the /s/- /z/ contrast by native and non-native speakers of English. **Journal of the Acoustical Society of America**, v. 79, n.2, p. 508-17, 1986.
- FERREIRA, António F. **A acumulação Capitalista em Portugal: das origens da nacionalidade aos inícios do século XIX**. Porto: Afrontamento, 1977.
- GAYER, Juliana E. L.; DIAS, Ludquellen B. O fenômeno variável do rotacismo: uma análise pela Teoria da Otimalidade. **Diadorim**, v. 20, n. 2, p. 377-397, 2018.
- GOMES, Christina A. **Rotacismo em grupo consonantal: uma abordagem sincrônica e diacrônica**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 1987.
- HAY, Jen; Warren, Paul; DRAGER, Katie. Factors influencing speech perception in the context of a merger-in-progress. **Journal of Phonetics**, v. 34, n. 4, p. 458-84, 2006.
- HARRINGTON, Jonathan. An acoustic analysis of 'happy-tensing' in the Queen's Christmas broadcasts. **Journal of the International Phonetic Association**, v. 34, p. 439-57, 2006.
- HOOOPER, Joan B. **An Introduction to Natural Generative Phonology**. New York, Academic Press, 1976.

- JOHNSON, Keith. Speech perception without speaker normalization: an exemplar model. In: JOHNSON, Keith; MULLENNIX, John W. (orgs.) **Talker Variability in Speech Processing**. San Diego: Academic Press, 1997, p. 145-166.
- LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos BAGNO; Marta SCHERRE e Caroline CARDOSO. São Paulo: Parábola, 2008.]
- LABOV, William. Resolving the neogrammarian controversy. **Language**, v. 57, p. 267-308, 1981.
- LABOV, William. Transmission and diffusion. **Language**, v. 83, p. 344-387, 2007.
- LANGACKER, Ronald. **Foundation of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LOUDERMILK, Brandon C. **Cognitive mechanism in the perception of Sociolinguistic Variation**. PhD (Dissertation in Linguistics), University of California, Davis, 2013.
- MELO, Marcelo A. S. L. de. **Desenvolvendo novos padrões na comunidade de fala: um estudo sobre a fricativa em coda na comunidade de fala do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- MELO, Marcelo A. S. L. de. **Direcionalidade da mudança sonora: o papel do item lexical e da avaliação social**. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. **Manual de Gramática Histórica Española**. 8ª. ed., Madrid: Espasa-Calpe, 1949.
- MOLLICA, Maria Cecília; PAIVA, Maria da Conceição. Restrições estruturais atuando na relação entre [l] > [r] e [r] > 0 em grupos consonantais em português. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, v. 11, n. 1, p. 181-189, 1991.
- MOLLICA, Maria Cecília; PAIVA, Maria da Conceição. Da Gênese dos Grupos Consonantais ao Português Contemporâneo. **Revista Terceira Margem**, v. I, n.1, p. 136-140, 1993.
- NUNES DE LEÃO, Duarte. **Ortografia e Origem da Língua Portuguesa: Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu**, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983.
- OLIVEIRA, Fernão de. **A Gramática da Língua Portuguesa**, Lisboa: Imprensa Nacional, 1536/[1975].
- OLIVEIRA, Marco Antonio de. **Variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids**. PhD (Dissertation in Linguistics). University of Pennsylvania, Philadelphia, 1983.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. The Neogrammarian CONtroversy Revisited. **International Journal of the Sociology of Language**, v. 89, n.1, p. 93-105, 1991.

- OLIVEIRA MARQUES, António H. **A Sociedade Medieval Portuguesa: aspectos da vida cotidiana**. 4ª ed., Lisboa: Sá da Costa, 1981.
- PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugenia L. **Mudança linguística em tempo real**. Contra Capa/Faperj, 2003.
- PIERREHUMBERT, Janet B. Knowledge of Variation, **Papers from the Parasession on Variation, 30th meeting of the Chicago Linguistic Society**, Chicago Linguistic Society, Chicago, v. 2, p. 232-256, 1994.
- PIERREHUMBERT, Janet B. Phonological representation: Beyond abstract versus episodic. **Annual Review of Linguistics**, v. 2, p. 33-52, 2016.
- SARAIVA, Antônio J. **A Cultura em Portugal: introdução geral à cultura portuguesa**. Livro I, 2ª ed., Lisboa: Bertrand, 1985.
- SAID ALI, Manoel. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 3ª ed., São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SANKOFF, David. Variable Rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J.; TRUDGILL, Peter (eds.) **Sociolinguistics / Soziolinguistik: An International Handbook of the Science of Language and Society / Ein Internationales Handbuch zur Wissenschaft von Sprache und Gesellschaft**, vol. 2, Berlin: W. de Gruyter, 2002, p. 1150-1161.
- SANKOFF, Gillian; BLONDEAU, Henriette. Language Change across the Lifespan: /r/ in Montreal French, **Language**, v. 83, n. 3, p. 560-588, 2007.
- TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. 2ª. ed., Lisboa: Sá da Costa, 1984.
- QUANDT, Vivian de O. **O comportamento da lateral anterior na fala do Norte-Noroeste Fluminense**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- SANCIER, Michele L.; FOWLER, Carol A. Gestural drift in a bilingual speaker of Brazilian Portuguese and English. **Journal of Phonetics**, v. 27, n. 4, p. 421-436, 1997.
- SILVA NETO, Serafim. **Fontes do Latim Vulgar – O Appendix Probi**. 3ª Edição. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1956.
- TEM TEM, L. F. **Rotacização das líquidas nos grupos consonantais: representação fonológica e variação**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- TOMASELLO, Michael. **Constructing a Language: A Usage-Based Theory of Language Acquisition**. Harvard: Harvard University Press, 2003.
- VASCONCELOS, José L. de. **Opúsculos**, v. II: Dialetolegia. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

WANG, William. S.-Y. Competing Changes as a Cause of Residue. **Language**, v. 15, n. 1, p. 9-25, 1969.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical Foundations for Theory of Language Change. In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos BAGNO; revisão técnica: Carlos Alberto FARACO. São Paulo: Parábola, 2006.]

ANEXO I

Resultados do teste de qui-quadrado para as os dados das 2 amostras						
Grupos de fatores	RIBEIRÃO PRETO			RIO DE JANEIRO		
	Apl/N	%	p-valor	Apl/N	%	p-valor
CONSOANTES						
+fortes	53/254	20.86		64/168	38.09	
-fortes	37/154	24.02	0.635	42/140	30	0.3524
+vozeada	30/116	25.86		25/164	39.06	
-vozeada	60/292	20.54	0.4256	81/244	33.19	0.002311
+anterior	52/237	21.94		63/200	31.5	
-anterior	38/171	22.22	1	43/108	39.8	0.3692
VOGAIS						
+posterior	26/138	18.84		28/76	36.84	
-posterior	64/270	23.70	0.4367	78/232	33.62	0.8209
+alta	35/158	22.15		48/126	38.09	
-alta	55/250	22	1	58/182	31.86	0.5011
+baixa	25/140	17.85		24/82	29.26	
-baixa	65/268	24.25	0.2852	82/226	36.28	0.4958
+nasal	21/97	21.64		17/38	44	
-nasal	69/311	22.18	1	89/270	32	0.4224
SÍLABA						
+tônica	41/206	19.90		40/123	32.52	
-tônica	49/202	24.25	0.4648	66/185	35.67	0.776
Inicial	31/187	16.57		34/130	25.95	
Medial	44/155	28.38	0.115	40/100	49.49	0.2657
Final	15/66	22.72		23/78	29.48	

Obs: Resultado do teste do qui-quadrado para a variável vozeamento na Amostra Rio de Janeiro sem os itens lexicais *inclusive* e *problema*: p-valor=0.5976.

ANEXO II

D. DUARTE. **Livro da Ensinança de Cavalgar toda sela.** Ed. Crítica de Joseph M. Piel. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986. Texto sobre montaria e aspectos da vida cultural da nobreza do século XV.

NUNES, José Joaquim. **Crestomatia arcaica:** excertos da literatura portuguesa desde o que de mais antigo se conhece até ao século XVI. 2ª ed. rev. e aumentada. Lisboa: Portugal-Brasil Ltda., 1921.

VASCONCELOS, José L. de. **Textos Arcaicos.** 5º Edição. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1922/[1970].

ANEXO III

Resultados do teste de qui-quadrado para os dados do Português Arcaico			
Grupos de fatores	App/N	%	p-valor
CONSOANTES			
+fortes	37/152	24.34	
-fortes	9/50	18	0.5797
+vozeada	7/43	16.27	
-vozeada	39/159	24.52	0.47
-anterior	19/150	12.66	3.267e-05
VOGAIS			
+posterior	22/81	27	
-posterior	26/128	20.31	0.4599
SÍLABA			
+tônica	13/65	20.83	
-tônica	33/137	24.08	0.7335
Inicial	18/113	15.92	
Medial	20/94	31.91	0.08023
Final	0/2	0	